

A vida enquanto figura e o envelhecimento enquanto fundo

Desejo, erotismo e sexualidade em mulheres maduras

Mirela Berger¹

Resumo: O artigo é parte de minha pesquisa de pós-doutorado sobre sexualidade em mulheres idosas. O objetivo central é pensar o seguinte nó teórico: por um lado, a sexualidade tem sido alardeada como fundamental para um bom envelhecimento, por outro, torna-se um discurso normativo que associa “velhice saudável” com sexualidade, o que, além de criar a imagem de uma “idosas ideal” – aquela que tem vida sexual ativa – responsabiliza e culpabiliza as mulheres que não aderem a este modelo.

Palavras-chave: terceira idade; sexualidade; erotismo; corpo feminino.

Abstract: The article is part of my post doc research on sexuality in older women. The central objective is the following node theoretical thinking: on the one hand, sexuality has been considered essential for good aging, on the other, becomes a normative discourse that associates "healthy aging" with sexuality, which, besides creating the image of an "ideal elderly" - those who have an active sex life - responsibility and blaming the women who do not adhere to this model.

Keywords: elderly; sexuality; eroticism; female body.

Introdução

Este artigo visa sistematizar dados de minha pesquisa de pós-doutorado com mulheres idosas. O objetivo central é descortinar as representações de mulheres maduras sobre sexo, erotismo e desejo. É uma pesquisa de cunho qualitativo, e é também uma comparação entre mulheres que participam da academia de ginástica Cia Atlética, situada no Shopping Morumbi; em especial, de um programa voltado para a terceira idade que é o programa Platinun e também mulheres que participam do projeto AfroMix e de um grupo de convivência, ambos situados no Centro Nathalia Rosemberg, situado na periferia do bairro Campo Limpo². No total, entrevistei 42 mulheres³.

¹ É professora, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado e doutorado também pela USP. É pós-doutora pelo departamento de Antropologia da Universidade de Campinas (Unicamp), financiada pela FAPESP. É parecerista de vários periódicos e revistas e lecionou como professora colaboradora na Unicamp.

² A Cia Athética é uma academia de luxo, cuja mensalidade está acima de R\$400,00. Já o projeto AfroMix é um projeto popular, voltado para mulheres pobres e que consiste em coreografias nos ritmos axé, forró e sertanejo. O grupo da Cleusa é um espaço de sociabilidade onde as mulheres fazem atividades como coral, [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](#)

A semelhança de Malinowski, foi profunda minha inserção no campo. Fiz aulas de ginástica, fui a bailes de terceira idade, cantei no coral, enfim, mais do que apenas analisar falas, analisei também comportamentos que só podem ser percebidos com uma sólida pesquisa de campo.

O tema sexualidade foi bastante complicado de trabalhar, pois era visto como uma espécie de “tabu”, já que tocava na intimidade de mulheres com mais de 60 anos, em geral, mais reservadas do que as mais jovens, ainda mais na esfera privada. O roteiro de perguntas, embora estruturado, sofria alterações de acordo com a disponibilidade da mulher em falar de sexualidade, quando a mulher em questão era mais “liberal”, o tema sexualidade foi mais explorado, do contrário, trabalhava com as temáticas da percepção do envelhecimento, da aparência, da importância da ginástica e dos bailes de terceira idade.

Começo por uma breve descrição do vestuário das entrevistadas, pois ele nos fornece pistas importantes para os temas que pretendo abordar.

O padrão básico de vestuário é *shorts* ou bermudas com camiseta para os homens. Não são perceptíveis grandes diferenças entre idosos e jovens: ambos procuram usar roupas de grife, a grande diferença é que os mais jovens optam por camisetas mais justas, que marquem mais o corpo, e os mais idosos preferem as mais largas. Já as mulheres usam *shorts*, bermudas ou calças de lycra e *tops*, preferencialmente de grife. Tanto para homens quanto para as mulheres parece vigorar uma regra implícita: quanto mais “malhado” o corpo estiver, menor pode ser o tamanho das peças e mais justa a camiseta, que no caso das mulheres é totalmente dispensável (a mulher “malhada” prefere usar só *top*, quando muito uma camiseta justinha).

ouvem palestras, debatem temas e participam gratuitamente de um programa de ginástica oferecido pela faculdade privada Uniban.

³ A) 10 mulheres do Programa Platinum: Sushine (73 anos); Hortênsia (70 anos); Tulipa (60 anos); Begônia (75 anos); Jasmim (65 anos); Miosótis (69 anos); Energia (72 anos); Jasmim (65 anos), Dior (80 anos) Pandora (66 anos) = 10; B) 07 mulheres da Cia Athética: Estrela (65 anos); Serena (60 anos); Solar (60 anos); Fortaleza (64 anos); Sol (62 anos); Bruma (68 anos); Mar (69 anos) = 07; C) 08 mulheres do Grupo da Cleusa: Turquesa (64 anos); Rosa (83 anos); Frida (74 anos); Perséfone (66 anos); Esperança (74 anos); Mel (81 anos); Lembrança (76 anos); Luar (76 anos); = 8; D) 09 mulheres do AfroMix: Orvalho (60 anos); Petúnia (70 anos); Iasmim (65 anos); Crisântemo (78 anos); Claire (70 anos); Isolda (73 anos); Shiraz (73 anos); Afrodite (75 anos); Fogo (60 anos) = 9; E) 05 mulheres “avulsas”: Margarida (66), Girassol (95), Pagu (67 anos, do mundo), Paz (74 anos) e Íris (62 anos) = 5.

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

De início imaginei que as roupas das mulheres mais velhas seriam diferentes das mais jovens, mas isso não é totalmente verdadeiro, depende de alguns fatores: 1. Como já foi citado, a aparência corporal é que define as roupas, então a regra é a mesma tanto para as jovens quanto para as idosas, quanto mais “em forma” o corpo estiver, é preferível adotar o padrão *legging*, top, blusinha justa e até macacão; se pelo contrário, o corpo estiver menos em forma, é preciso disfarçá-lo com camisetas mais largas. É interessante que as senhoras estão por dentro da moda, e quando estão com o corpo em forma, não hesitam em adotar, por exemplo, os macacões da grife “Garota Carioca”. Tais macacões possuem decotes muito profundos, às vezes nas costas e cós bem baixo, o que obriga o uso de calcinhas estilo “fio-dental”. São coloridos, como os de padronagem de “oncinha”, “zebra”, “dragão”, “Havaí”... Não dá para passar despercebida com eles, e jovens e idosas em forma desfilam com eles pela academia.

2. Há uma grande diferença visível a olho nu entre as mulheres acima de 60 anos que frequentam o programa Platinun e as que não o fazem. A categoria “velha” só foi usada por uma entrevistada, todas as outras mulheres, sejam do Programa Platinum, da Cia Athética, do Grupo da Cleusa e do AfroMix a rejeitam veementemente e se afirmam jovens por dentro, exigindo ser chamadas de “senhoras bem conservadas” ou “mulheres maduras”. Isto se deve a três pontos valorizados por elas: a adesão à ginástica; o manejo da vaidade e a manutenção de uma vida sexual ativa.

Roberto Cardoso de Oliveira mostrou que a identidade social tem um conteúdo de comunicação, uma vez que supõe relações sociais e um código de categorias para orientar o desenvolvimento destas relações. A identidade social é assim dimensionada no contexto das relações sociais, consistindo em formas de classificação que organizam as inter-relações de indivíduos e grupos. Ela supõe a noção de grupo social, uma vez que se afirma por oposição e não isoladamente; o caráter contrastivo da identidade baseia-se em valores vivenciados pelos indivíduos em interação. Como representação, uma identidade qualquer aparece como uma opção e uma escolha dentro de uma gama de outras possíveis (Oliveira, 1976).

Neste mesmo sentido, Myriam Moraes Lins de Barros (2006) afirma que pensar na velhice em termos de identidade social permite perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto-atribuição concomitante da

identidade etária, separando e arrumando os indivíduos em um parâmetro de idade. No entanto, na prática, este esquema teórico sofre variações, pois a identidade sofre, ela própria, valorações por parte dos grupos e/ou indivíduos em interação social, e as características a ela atribuídas são também bem ou mal valorizadas (LINS de BARROS, 2006).

Talvez por isso se explique o fato de que a juventude interna citada pelas minhas entrevistadas tem seus matizes e é bem marcada entre as mulheres do Platinun e as da Cia Athética no geral. As primeiras adotam um estilo mais discreto, usam mais camisetas, embora ainda adotem roupas de lycra, parece-me que ao aderirem a um projeto eminentemente voltado para idosos e idosas, incorporam esta identidade e a vinculam à uma etapa da vida em que, embora jovens por dentro e até por fora, devido ao “pique” para as atividades, devem valer-se de uma certa discrição. Como as roupas comunicam mensagens simbólicas, estas mulheres, ao vestirem-se para a “malhação”, tentam expressar ao mesmo tempo uma consciência da idade e do que se julga apropriado ou não para elas, mas sem perder parte do espírito jovem. Não querem se confundir com as mulheres da faixa etária de 30 a 50 anos, mas também não querem parecer “velhinhas”, como me disse Energia, de 72 anos, “abrigo de moletom eu não uso, é coisa de velha”.

Já as “outras” mulheres, de fato se constroem, até na aparência, como “outras”. Não aceitam de modo algum a identidade de “velhas” e se recusam a fazer qualquer atividade associada ao Programa Platinun. Como afirmou Lins de Barros “é importante perceber como as diversas identidades de cada mulher entrevistada são acionadas, de acordo com o momento em questão e dentro das possibilidades que ela pode assumir” (LINS de BARROS, 2006, p. 131). Para Estrela (65 anos); Solar (60 anos); Fortaleza (65 anos); Sol (62 anos), a identidade de “idosa”, foi pensada e posta em construção pela pesquisa. Elas nunca haviam parado para pensar se já estavam na terceira idade. Em vários momentos, como quando questionadas se tinham medo do processo de envelhecimento, responderam que nunca tinham parado para pensar nisto. Em alguns momentos, senti no ar um misto de tensão e medo simplesmente porque ao escolher entrevistá-las e ao aceitarem, elas próprias se colocaram numa faixa etária de mulheres idosas que não havia ainda sido significativa em suas percepções de si mesmas. Fortaleza diz que se sente tão jovem que quando pede meia entrada no cinema, fica feliz de ter que mostrar a identidade porque não acreditam que ela

tem 65 anos. Estrela disse-me que se sente tão jovem que “dá de 10 a zero em qualquer mocinha”, mas que a entrevista a fez pensar sobre suas rugas e que ela teria que conversar com a analista. Solar é magra e muito definida e aos 60, usa roupas mais provocantes do que eu para “malhar”, mas na entrevista perguntou-me se não estava exagerando. Para estas mulheres, que não se permitiram “enquadrar” em nenhum programa de idoso, a identidade de “idosa” parece mais fluida, sendo negada nas roupas, nas atividades físicas e acionada apenas quanto podem deixar o carro com o manobrista (o serviço é gratuito para todos acima de 60 anos), pagar meia entrada no cinema, etc.

Já no Centro de Convivência Nathalia Rosemberg, a diferença é sensível. O grupo que Cleusa coordena é um grupo misto, parte das mulheres vão apenas às atividades por ela coordenadas, outras seguem para a Unibam, que oferece um programa gratuito de atividade física. Deste modo, as roupas variam bastante, as que fazem ginástica, usam moletom e camiseta, mas nada que se pareça com as roupas usadas pelas mulheres da Cia Athética. Optam por roupas mais folgadas e por uma questão de classe social, as compram no comércio popular do Campo Limpo. As que não vão à ginástica, abusam das estampas grandes e coloridas. O que mais chama atenção são os adereços: brincos grandes, tiaras no cabelo, broches, xales, lenços. Quase todas pintam os cabelos e usam maquiagem forte, só as evangélicas dispensam estes itens e usam vestimenta e acessórios discretos. Já o espaço onde ocorre o Projeto AfroMix também difere totalmente da Cia Athética. Enquanto a segunda tem amplas quadras fechadas ou abertas, o centro Nathalia Rosemberg conta com um pequeno pátio, com uma arquibancada de madeira e um tablado, que é usado por vários grupos, inclusive, pelos professores do AfroMix. As aulas ocorrem todas as quartas e sextas, das 09h30min às 10h30min. As próprias participantes chegam mais cedo, às 08h30min e fazem um mutirão: varrem o espaço, arrumam a arquibancada, montam e testam o som, organizam tudo para os professores. Estando frio ou calor, às 09h o espaço começa a ser preenchido por mulheres, em geral com calça *legging*, tênis ou algum outro sapato confortável e camisetas largas, algumas com estampas do projeto AfroMix. Trazem consigo garrafinha com água e toalhinha para enxugar o suor. Começa com um leve alongamento e depois vêm as coreografias de sertanejo, axé, funk, forró e outros ritmos.

Uma vez esboçado parte dos cenários, podemos agora ver como os atores, no caso, as mulheres idosas, falam sobre sua vida conjugal e sexual.

1. Desejo, amor e sexo

Trabalhar com a temática da sexualidade foi extremamente difícil, ainda mais com senhoras idosas. Embora algumas mulheres já fossem minhas conhecidas, havia uma espécie de véu sobre a vida sexual. Mas, através de várias estratégias, acredito que possuo uma quantidade de dados sobre sexualidade que é ainda bastante raro nas pesquisas das ciências sociais.

Só recentemente as ciências sociais têm voltado atenção às interfaces entre gênero, sexualidade, cuidados com a aparência e a temas correlatos no que se refere aos idosos. A maioria dos trabalhos, como ressalta Lins de Barros, focam no assistencialismo, nas perdas e na violência sofrida pelos idosos. A autora salienta a falta de pesquisas de campo para a coleta de dados entre idosos, ressalta que os homens idosos despertam maior interesse do que as mulheres idosas, na medida em que se percebe a aposentadoria do homem como um momento crucial, que o retira da esfera pública e o lança na esfera privada, ao passo que a mulher, mesmo quando esta trabalha, está sempre vinculada à esfera doméstica, desta forma, a aposentadoria não seria tão marcante para elas do que para eles (LINS de BARROS, 2006).

No entanto, tal teoria não se sustenta, ainda mais entre mulheres das classes populares, pois estas sempre trabalharam fora e o momento da aposentadoria significa uma mudança abrupta que requer um redirecionamento da vida: ou a mulher se fecha de vez no mundo privado e nas palavras das entrevistadas, “fica velha e deprimida”, ou ela vai procurar espaços de sociabilidade.

Se a velhice em geral e a velhice da mulher sejam temas “apagados”, imagine quando a temática seja sexualidade. A sexualidade aparece de forma marginal, em trabalhos interessantes, como o de Flávia Motta, *Velha é a vovozinha* (1998), que aborda a faceirice em um grupo de idosas da LBV, ou o de Andréia Alves, *A dama e o cavalheiro* (2004), que ao trabalhar com bailes de terceira idade, tangencia a sexualidade. Na UNICAMP, o PAGU tem desenvolvido trabalhos sobre esta temática.

Neste trabalho, a sexualidade é o núcleo central, tanto no seu sentido mais estrito, das relações sexuais-afetivas entre parceiros, seja nos seus desdobramentos, pois acredito que a vaidade, o cuidado de si, os momentos de intimidade consigo mesma também sejam parte de nossa sexualidade.

Embora esta pesquisa seja de cunho qualitativo, acredito que alguns números podem nos auxiliar na reflexão. Entrevistei 42 mulheres, todas com 60 anos ou mais, e destas, que disseram ter vida sexual ativa temos: 11 mulheres da Cia Atlética (4 do programa Platinun e 7 da Cia Athética que não aderem ao programa); 2 mulheres no grupo da Cleusa; 2 mulheres que trabalham no centro de convivência; 4 mulheres do AfroMix, duas entrevistas avulsas, totalizando 21 mulheres.

7

1.1. Sexualidade e “self”

Desde Foucault, em especial, nos três volumes da *História da Sexualidade* (Foucault, 1999), sabemos que a sexualidade é um importante dispositivo de ordenação do mundo e da constituição de sujeitos. Em *A vontade de saber* (1990), Foucault afirma, logo no início da obra, que o que lhe parece essencial “é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de certa felicidade estão ligados entre si” (FOUCAULT, 1990, p. 14).

Ele refuta a tese de uma “hipótese repressiva” sobre a sexualidade e conclui que esta tese não se sustenta, e que em vez de um discurso repressivo sobre o sexo, o que se constituiu a partir da Idade Moderna foi uma “Vontade de Saber”. Diz ele

Ora, uma primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação de sexualidades poliformas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou em construir uma ciência da sexualidade (...). Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de quais canais, fluindo através de quais discursos o poder consegue chegar

às mais tênues e mais individuais das condutas (*idem, ibidem*, p. 18-9).

Foucault define sexualidade da seguinte maneira:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a incitação ao discurso, a intensificação dos prazeres, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder (*idem, ibidem*, p. 117).

8

É importante frisar que para Foucault, “o regime de poder-saber-prazer sustenta, entre nós, o discurso da sexualidade humana” (*idem, ibidem*, p. 17).

Esta afirmação e as anteriores são importantes para a nossa discussão porque muitos autores contemporâneos, críticos ou não de Foucault, vão enfatizar a importância da sexualidade na contemporaneidade.

Começamos por Giddens (1993), crítico de Foucault. Veremos rapidamente os pontos de tensão entre ele e Foucault e passaremos em seguida ao que mais nos interessa, que é a importância que Giddens confere à sexualidade.

Giddens salienta que para Foucault, a invenção da sexualidade foi parte de alguns processos distintos e formadores das instituições modernas, que dependeriam do controle meticuloso das populações através do tempo e do espaço. Tal controle foi gerado por uma “anátomo-política do corpo humano”, que por sua vez seria um aspecto central do biopoder. Segundo Foucault, teria acontecido a emergência de um “mecanismo da sexualidade”, uma “administração positiva do corpo e do prazer”. Para Foucault, a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder.

No entanto, afirma Giddens,

É difícil, senão impossível, compreender estas questões se permanecermos na posição teórica geral desenvolvida por Foucault, em que as únicas forças

impulsionadoras são o poder, o discurso e o corpo. Por isso, aceitamos os seus argumentos sobre as origens sociais da sexualidade, mas vamos situá-los em uma estrutura interpretativa diferente. Foucault colocou demasiada ênfase na sexualidade em detrimento do gênero sexual. Silenciou quanto às conexões da sexualidade com o amor romântico, fenômeno intimamente vinculado às mudanças na família. Além disto, sua discussão da natureza da sexualidade permanece em grande parte no nível do discurso – e, nesse nível, as formas mais específicas de discurso. Finalmente, deve-se colocar em questão a sua concepção do **eu** em relação à modernidade (GIDDENS, 1993, p. 34, negrito do autor).

Para Giddens a questão da reflexividade é fundamental: ele fala em reflexividade institucional, projeto auto reflexivo do eu e reflexividade quanto ao corpo e a sexualidade. Quanto à primeira, ele afirma que a expansão da reflexividade institucional é uma característica distintiva das sociedades modernas, em virtude de fatores tais como: maior mobilidade geográfica; os meios de comunicação de massa extraíram elementos da tradição da vida social que há muito tempo resistiam ou se adaptavam à modernidade. Para ele, a contínua incorporação reflexiva do conhecimento não apenas se introduz nas brechas, ela proporciona um ímpeto às mudanças que ocorrem nos contextos pessoais e globais da ação. Complementa ele:

Na área do discurso sexual, os textos que informam, analisam e comentam a sexualidade, na prática, são de muito mais longo alcance em seus efeitos do que aqueles abertamente propagandistas, que recomendam a busca pelo prazer sexual. Entretanto, o mais importante é que o avanço de tais pesquisas assinala e contribui para uma aceleração da reflexividade das práticas sexuais habituais, cotidianas (*idem, ibidem*, p. 36, 40).

Giddens considera que Foucault, em vez de considerar o eu como sendo construído por uma “tecnologia específica”, deveria considerar que a auto-identidade torna-se particularmente problemática na vida social moderna:

As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter ‘aberto’ da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo. Hoje em dia, o

eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio à uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revista (*idem, ibidem*, p. 41).

Este processo reflexivo que se aplica ao eu aplica-se também ao corpo e à sexualidade, pontos que nos interessam diretamente, pois como veremos, as mulheres por mim entrevistadas estão “negociando” consigo próprias e com vários “outros” – outras mulheres, marido, namorado, filhos e filhas – os sentidos de sua identidade, que passa pela construção de uma aparência e de um corpo, passa pelo exercício da sexualidade ou pela renúncia a esta, enfim, vemos em vários discursos como a sexualidade é negociada, repensada, resignificada, inclusive por mulheres casadas que não tem mais vida sexual no sentido do ato sexual em si, mas que se sentem sexualizadas nas condutas com o parceiro e no bom manejo de seu corpo e mente.

Bozon (2004) também nos auxilia a pensar a sexualidade. Ele se pergunta o que um ponto de vista sociológico pode acrescentar à sexualidade e responde afirmando que a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana:

E, como construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as ‘incorpora’ e as representa. Assim, na maioria das sociedades, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também da ordem das gerações (BOZON, 2004, p. 14).

Mais a frente, ele volta a insistir na relação entre sexualidade e subjetividade: “Nas sociedades que elaboraram um domínio da intimidade e dos sentimentos pessoais, a sexualidade tornou-se uma das experiências fundamentais para a construção da

subjetividade e da relação consigo mesmo" (*idem, ibidem*, p. 95).

Percebi claramente entre minhas entrevistadas, em especial entre aquelas que mantêm vida sexual ativa, dois pontos interessantes: por um lado, elas valorizam muito o fato de serem sexualmente ativas, inclusive na percepção do próprio processo de envelhecimento; mas por outro, por uma questão nitidamente geracional, são tímidas quanto ao assunto, pois fazem parte de uma geração em que o sexo, tanto na prática quanto no discurso, era um "tabu". Este segundo aspecto aparece também nas falas das mulheres viúvas, que são bem reticentes em falar de sexualidade e mais ainda de pensar na possibilidade de novos parceiros. As mulheres separadas são as mais libertas quanto ao exercício da sexualidade, inclusive fazendo uso de produtos de *sex shop*.

De todo modo, a idade é um fator importante no que se refere ao comportamento sexual. Um pouco na linha do que Giddens afirmou, juntamente com um projeto reflexivo do eu, que procura entender o que é ser uma mulher envelhecendo, e que não tem uma resposta unívoca, cada mulher também reflete sobre sua sexualidade atual e passada. Enquanto umas se sentem mais livres e realizadas sexualmente na terceira idade, ressaltando as melhorias advindas com a maturidade; outras refletem que o sexo foi algo que ficou no passado e que deve ser assim mesmo, afinal, "estão com muita idade para se preocupar com isso".

Ainda tentando entender as especificidades sexuais de nosso tempo, Bozon afirma que,

A emergência de uma subjetividade e de um sujeito modernos foi acompanhado pela autonomização de um domínio da sexualidade distinto da procriação. Assim, as trajetórias e as experiências sexuais, amplamente diversificadas nos dias de hoje, tornaram-se um dos principais fundamentos da construção dos sujeitos e da individualização (*idem, ibidem*, p. 17).

Pensando no universo pesquisado, gostaria de comentar alguns pontos desta afirmação de Bozon. Primeiro, a separação entre sexualidade e procriação é fundamental no comportamento sexual atual. Mesmo entre mulheres mais jovens, a pílula anticoncepcional, a entrada da mulher no mercado de trabalho, resignificou em muito o exercício da sexualidade. No caso das mulheres por mim entrevistadas, que têm 60 anos ou mais, muitas

já criaram os filhos, podem dedicar-se mais a viver a vida a dois, viajar para outros estados e países. Concordo, portanto, plenamente com a primeira afirmação. Na verdade, também concordo que as experiências sexuais estão hoje mais diversificadas, inclusive na terceira idade. Em muitos depoimentos há casos de mulheres mais velhas que namoram homens mais jovens e não tem nenhuma intenção de casar, algumas, inclusive, terminaram os namoros porque os pretendentes insistiam em coabitar; outras descobriram o orgasmo nesta fase da vida e buscam o prazer de um modo que não faziam quando tinham 30 anos a menos, outras descobrem uma sexualidade fora do casamento.

No entanto, novamente a questão da geração se faz muito presente aqui. As mulheres por mim entrevistadas nasceram entre 1930 e 1950, com exceção da mais velha, que nasceu em 1916. Tomando 1940 como uma possível média e levando em conta que nesta época as mulheres casavam-se muito jovens e muitas vezes, com o primeiro namorado, nenhuma delas participou do que se convencionou chamar de revolução sexual dos anos 60 – hoje contestada, segundo Bozon, por algumas correntes⁴. Desta maneira, fazem parte de uma geração mais conservadora, inclusive as mulheres menos favorecidas economicamente, foram ensinadas a casar-se virgem, a serem pudicas frente ao sexo, a cederem às vontades dos seus parceiros, evitando tomar a iniciativa sexual. Discretamente, elas falam que não viveram muita variedade sexual, “era só papai e mamãe mesmo” (referência a mais tradicional das posições sexuais), “era no escuro, com a luz apagada”... São falas de mulheres para as quais a sexualidade era sim importante, mas não era o eixo de construção da identidade. Esta última estava muito mais relacionada a ser uma boa esposa, mãe e cuidadora do lar e não tanto a vivência das pulsões sexuais.

Um aspecto interessante que esta pesquisa desvelou é que se a sexualidade é mesmo um eixo central na construção dos sujeitos e da individualização, dois pontos devem ser balizados em um universo pesquisado com mulheres mais velhas: 1. Que o sentido de

⁴ Bozon afirma que a respeito das mudanças sexuais das últimas décadas coexistem dois discursos contraditórios qualificados ambos de “revolução sexual”. O primeiro discurso enfatiza que a sexualidade contemporânea foi denunciada, na medida em que levaria ao nomadismo sexual dos indivíduos, à tirania do prazer e do desejo, à permissividade e à promiscuidade. A auto-afirmação das mulheres, que não saberiam mais ficar em seu lugar, nem tão pouco respeitar os papéis naturais dos homens, provocaria a “desvirilização” deles. O segundo discurso, lê positivamente as transformações contemporâneas e percebe nelas uma revolução sexual que, finalmente, consagra o direito ao prazer, à liberação das minorias sexuais e à igualdade sexual entre mulheres e homens no quadro de um acesso generalizado à contracepção.

sexualidade deve ser ampliado para outras partes como o cuidado corporal, a construção da feminilidade, a boa gestão do lar, as “competências femininas” em manter o parceiro e não apenas circunscrita ao ato sexual; 2. Que para metade do universo pesquisado, a vida sexual, longe de se encerrar com a terceira idade, começa, justamente com ela. A maturidade pode ser o momento propício para redescobrir a sexualidade, vivenciá-la de uma forma mais livre e segura.

A partir de agora, vamos acompanhar as falas das mulheres por mim entrevistadas e o que elas têm a dizer sobre desejo, amor e sexo na terceira idade.

1.2. Amores maduros: mulheres casadas

Saber se a entrevistada era casada era um ponto bastante importante, porque ele abria portas para falar da sexualidade; embora, muitas mulheres casadas já não têm mais vida sexual com seus maridos.

De início, perguntava a ela se era casada, em seguida, se tinha vida sexual. Aqui registro apenas mulheres com vida sexual. Vejamos algumas falas:

“Eu sou casada já há 50 anos, eu me casei com 17 anos e tive meu primeiro filho com 18 anos, estou feliz até hoje, meu marido está com diabetes, mas graças a Deus ele está ativo, não é mais como era antes que tinha relação 3, 4, 5 vezes na semana, mas uma vez por semana, pelo menos, ele é presente, nós temos idade também, eu tenho 75, ele tem 75, mas eu tô ótima! Nós ainda dormimos na mesma cama” (Begônia, 75, Platinun).

“Meu casamento foi assim, 25 anos que a gente possa dizer, bem vividos, com 4 filhos... mas, apareceu o quinto filho que foi fora do casamento... aí eu descobri que eu não estava feliz sexualmente com ele. Mas como dizem, ‘há males que vêm para o bem’ porque me fez surgir outra mulher, uma outra pessoa, com vontades, com desejos que não tinha aparecido até então...” (Sol, 66, Cia Athética).

“Eu sou viúva duas vezes e vai fazer 18 anos que eu sou viúva do segundo marido, e eu tenho um companheiro há doze anos, só que ele não mora comigo, eu moro cá e ele mora lá, ele faz tudo pra morar comigo... ele é mais novo do que eu... Ele tem 48 anos. Eu tenho 75” (Afrodite, 75, AfroMix).

Para a maioria das mulheres entrevistadas, casamento é assunto para a vida toda, e pela idade das mulheres e de seus maridos, já aconteceram bodas de prata e de ouro. São mulheres nascidas nas décadas de 30, 40, 50 no máximo, que tiveram educação católica ou evangélica e que desde pequenas, aprenderam com a família, sobretudo com a linhagem materna, que casamento é algo muito sério, que só termina com a morte de um dos conjugues ou em virtude de algo muito sério – em geral uma traição, a descoberta de um filho fora do casamento – do contrário, faz parte do projeto de vida destas mulheres viver com o companheiro escolhido “por toda minha vida”, nas belas palavras de Vinicius de Moraes.

Elas ainda não fazem parte da geração descrita por Giddens (1993), que vivenciaria “amores fluidos” ou “amores confluentes”.⁵ No entanto, creio que as mulheres aqui citadas, e mesmo aquelas que se tornaram viúvas ou separadas, enquadram-se no que ele chamou de “amor romântico”, que começou a marcar sua presença a partir do século XVIII e que embora tenha utilizado elementos do “amour passion”, diferiu-se deste, pois o segundo era mais marcado pela urgência, pela vontade dos amantes de se retirarem da vida cotidiana para viver em êxtase, enquanto que o segundo, era marcado pelo “romance”, que embora incorpore elementos do “amour passion” como a liberdade, estava mais voltado à constituição de uma vida conjugal a longo prazo. Segundo o autor, nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. Segundo ele, a ideia de romance, no sentido que o termo veio a assumir no século XIX, tanto expressou quanto contribuiu para as mudanças seculares, afetando a vida social como um todo. Continua ele

O surgimento da ideia do amor romântico tem que ser compreendido em relação à vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII. Um deles foi a criação do lar. Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos, um terceiro, o que alguns chamaram de ‘a invenção da maternidade’. No que dizia respeito à situação das mulheres, todos eles estavam muito intimamente interligados (GIDDENS, 1993, p. 53).

⁵ Ou seja, estariam com seus parceiros enquanto os interesses fossem confluentes e estivessem de acordo com os projetos individuais. Neste tipo de amor, as trocas de parceiros seriam mais possíveis, e segundo Giddens, é essa forma de amor que caracteriza as sociedades modernas.

Bozon (2004) comenta que a abertura contemporânea das possibilidades em matéria de sexualidade não diz respeito apenas ao novo funcionamento conjugal nem às sexualidades alternativas, referindo-se também à diversificação e individualização das trajetórias conjugais e afetivas e o declínio da regulamentação sexual por meio de princípios absolutos. Segundo ele,

O período em que os sujeitos permanecem sexualmente ativos aumentou, em virtude tanto de uma precocidade maior durante a juventude, quanto de um prolongamento da atividade sexual em idades mais avançadas (...). Assim, as mulheres, cada vez mais numerosas, experimentam com frequência aquilo que se pode chamar de relacionamentos amorosos estáveis sem partilhar a vida em comum, o que as levam a praticar uma distinção bem nítida entre sexualidade e conjugalidade (BOZON, 2004, p. 56).

1.3. “Amor é amor e tesão é tesão”: vida sexual na terceira idade

Após um preâmbulo que versava sobre casamentos e filhos, chega a hora fatídica: tenho que perguntar às mulheres se elas têm vida sexual. Vejamos algumas falas:

“Eu estou sem namorado há cinco anos, então eu não tenho feito, mas eu sinto falta, eu gostaria de ter, mas eu sempre tive uma vida sexual muito ativa, meu último namorado tinha 38 anos, atrapalhou um pouco, porque era a mesma idade dos meus filhos, então eu não podia namorar abertamente, ele aparecia em casa como amigo, e eu não pude curtir muito, mas a gente viajava, eu saía escondida com ele” (Fortaleza, 64, Cia Athética).

“Eu conheci neste meio tempo um italiano, ele mora fora, mas quando ele vem é assim, tudo de bom! É o único homem que eu conheço além do meu marido. Quando ele vem para o Brasil, aí é tudo de bom, e como eu sou meio “espelecuti”, eu tenho sempre mil fantasias, eu invento coisas, então eu estou sempre pronta, eu acho que a gente sempre tem que estar... a vida sexual nossa, depois dos 60, eu acho que é como uma plantinha, se você não regar sempre, se você não estiver estimulando sempre desaparece aquele desejo, aquela vontade, então você tem sempre que estar sendo estimulada, você fazer sua parte e o parceiro, também colaborar” (Sol, 62, Cia athética).

"É boa a vida com meu marido, graças a Deus. A gente ainda dorme junto, ele é meio assanhadinho [risos]. Com 64 anos é pior do que os novos. Dá no couro, se dá!" (Perséfone, 66, Cleusa).

"Eu tenho relacionamento sexual com outra pessoa, com um namorado que eu tenho. Ninguém sabe! E é muito, muito, muito, muito bom, química total, são três, quatro orgasmos seguidos!!! Maravilhoso, maravilhoso, não tem coisa mais gostosa na vida do que uma vida a dois, com orgasmos. Ele é seis anos mais novo do que eu [tem 60 anos]. É uma química maravilhosa, é muito bom, maravilhoso, eu queria que todas as mulheres tivessem orgasmos. A gente se descobriu porque ele era infeliz no casamento dele, no relacionamento tudo bem, tanto quanto o meu, mas sexo também não existia, a esposa não gosta, odeia sexo, e ele não tem necessidade de deixar de gostar de uma coisa que é tão boa, tão importante para a saúde do ser humano" (Margarida, 66, entrevista avulsa).

16

Eu pergunto a ela se a vida sexual melhorou agora e ela diz enfática:

"Melhorou, na terceira idade melhorou, para mim melhorou! A gente se deu muito certo! Uma vez eu tive orgasmo na coxa dele! Na perna! Fazia muito tempo que a gente não se encontrava, aí a gente se encontrou, ficou fazendo muito carinho, muito carinho, eu tive orgasmo na perna dele, na coxa, não precisou de penetração" (Margarida, 66, entrevista avulsa).

Outras mulheres também salientam a importância de manter relações sexuais:

"Então, eu tenho uma vida sexual ativa, meu namorado nunca reclamou. Não é sempre, não é todo dia, porque não é todo dia que ele está comigo. Me sinto à vontade, tenho um sexo normal. Eu tenho uma amiga que diz 'Deus me livre de sexo' porque ela um dia teve sexo e sentiu muita dor, 'eu não sou doente, eu falei para ela, eu sou normal. Não sou como uma jovem de 18, 19 anos não, muda muito o organismo da gente, mas é normal'" (Afrodite, 75, AfroMix).

"Ah não, minha fia, eu não parei com o sexo não. Eu tenho medo, negócio de duença, minina, nossa, isso aí é o maior perigo viu, porque esses home, eles sai com tudo quanto é muié e depois, ele tá carregado, pega de outra muié e depois passa pa gente. Teve um cara que trabaia aí no posto de gasolina né, aí eu sai com ele

uma vez, mais aí eu usei camisinha. Eu saio pa rua, passia, aí se pinta alguma pessoa que eu vejo que dá a gente usa camisinha. Mais tem três meses que eu num saio com ninguém. Sabe o que eu fiz pra me quebrá o gaio porque não encontra ninguém, eu fui no sex shop. Aí eu comprei um vibrado, desse tamanho assim, tá em casa, na hora, se, se me apertá, minha fia, eu me viro, lubrifica ele e aí beleza pura, quebra um gaião viu, oh!” (Fogo, 60, AfroMix).

Percebemos que entre as mulheres casadas há décadas, o sexo diminuiu, porém não acabou, fato que elas comentam com entusiasmo. Em outros momentos da entrevista, percebi que para elas, manter relações sexuais com os maridos era primordial por vários aspectos e interferia até na percepção da idade, pois como há todo um discurso que coloca mulheres idosas como assexuadas, o fato de se manterem ativas sexualmente as tornava mais jovens para si próprias.

O sexo na maturidade é visto por elas como algo natural, mas que ao mesmo tempo, precisa ser cultivado, justamente porque o “fogo” dos primeiros anos de casamento já se apagou e é preciso, constantemente, “soprar as brasas” para que ele reacenda. Não que elas vejam o sexo como obrigação, mas percebem sua importância para manter o parceiro. Há nas falas a ideia de competência e talento para manter o sexo em atividade, e uma sutil referência às habilidades da mulher neste sentido.

Uma entrevistada destaca-se do grupo pesquisado. Conheci-a através de uma entrevistada, Iasmim, 65 anos, que participa do AfroMix e também do Baile da Lua. Resolvi chamá-la de Pagu, por motivos que ficarão claros.

Quando a questioneei sobre sua vida sexual, ela disse-me:

“Se eu deixar de falar da minha sexualidade eu vou deixar de falar de mim, porque o sexo é tão importante na terceira idade quanto na primeira. Então independentemente de ter envelhecido, de ter engordado, do peito ter caído, é de não ter mais a mesma frequência, mas é uma vida sexual saudável, extremamente saudável, talvez porque eu não acredite que tenha que associar o sexo com o amor, como a maioria das mulheres. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, em hipótese nenhuma, amor é amor e tesão é tesão. Não pode ter comprometimento financeiro no sexo, não que eu não acredite que elas devam trabalhar com sexo,

mas aí já é uma outra história, é uma vida profissional. Mas com relação ao físico, mais do que normal. Tenho as minhas dificuldades como qualquer mulher, reposição hormonal, ressecamento vaginal, mas a medicina tá aí e tá ajudando pra caramba. Eu tive inclusive relacionamentos homossexuais".

Pagu foi a única entrevistada a admitir um relacionamento homossexual já na terceira idade, mas me contando de seus circuitos, acredito que ela têm amigas que também experimentaram relacionamentos como este. Pagu deixa claro que é heterossexual, mas como ela mesma diz, desejo não tem sexo e como vimos, as mulheres da terceira idade estão dispostas a experimentar coisas novas inclusive no âmbito da sexualidade, reafirmando o que venho dito sobre o fato das mulheres mais velhas estarem com uma "sede de vida" que as encoraja a experimentar coisas que talvez não experimentassem quando mais novas.

Já para as que se separaram e estão vivendo uma nova paixão, como é o caso de Sol, Fortaleza, Bruma e Margarida, ou de Afrodite, que enviuvou duas vezes, o sexo na terceira idade foi uma redescoberta e um momento de liberdade para experimentar coisas novas: parceiros mais jovens, fantasias sexuais que não tinham coragem de realizar com os maridos, orgasmos mais frequentes... Fogo é um caso singular: depois de decepções com possíveis pretendentes que lhe ofereciam sexo fora dos padrões mais convencionais, unimagináveis pela sua criação católica, decidiu que não quer mais sair com ninguém, mas para não abrir mão de ter uma vida sexual, comprou um vibrador, e diante de propostas indecorosas, responde com a maior naturalidade em alto e bom som "*ô meu fio eu num quero não, ói, já tenho em casa ó, eu fui no sex shop, já comprei, tenho em casa*".

É claro que aponto para o fato de que estamos lidando com representações, ou seja, com um conjunto de percepções que as mulheres fazem de si mesmo e da sexualidade, e na análise antropológica, mais do que verdades estabelecidas, o que procuramos é justamente isso: como as entrevistadas elaboram representações que dependem de contextos específicos, de subjetividades, de necessidades inerentes a cada entrevistada, ou seja, o que nos interessa é a construção de universos que embora apoiados no real, não deixam de ser simbólicos.

É interessante que várias mulheres mais velhas façam uso de produtos de *sex shop*. O caminho para chegar aos *sex shops* foi perguntar sobre mudanças hormonais, na esperança de que elas citassem produtos eróticos que facilitassem a relação sexual:

"Na menopausa, eu tive alguns problemas, ressecamento, estas coisas, mas nem eu nem ele queríamos abrir mão do sexo, então eu recorri a produtos de sex shop e aí... bom, foi como descobrir um novo mundo. Nós viramos adeptos. No começo, ele é quem trazia, mas eu fui me interessando, nós encontramos uma boutique erótica, é discreta e eu me sinto à vontade para ir... Eu nunca fui muito encanada com sexo, sempre fui liberal, me considero sensual e com o sex shop, eu descobri como melhorar o lado erótico da nossa relação. Quando estou sozinha, gosto muito dos toys. Eu já te falei que eu tenho banheira, não falei? Tem um massageador clitoriano à prova da água que além de ser o máximo, é uma graça, porque é na forma de um patinho" (Mar, 69 anos, Cia Athética).

"Tem um monte de creme, tem um monte de coisa que te faz ficar feliz, você diz, o hormônio, fica mais seco, mas tem um monte de creme.... Eu uso! Quer dizer, eu não vou a sex shops, mas o meu marido vai e ele compra, eu não fui ainda, mas é uma coisa que eu vou fazer!" (Tulipa, 60, Platinun).

"Ah, com certeza, usaria não, eu uso! Eu uso, porque normalmente, como eu fico sozinha, como é que eu fico nesta parte para me satisfazer, então eu uso sim, eu faço uso de alguns aparelhos, como vibradores, uso creminhos, muito normal isso para mim, e eu falo numa boa... É muito legal, tem um que é uma borboleta, ele é com controle remoto, eu tenho uma mente muito fértil, então eu fico imaginando eu usando isso, com controle remoto numa reunião [risos]. Ia ser o máximo, ninguém ia entender nada, e do jeito que eu sou, aí, ia ser uma coisa... [risos]. Esse negócio é ótimo, e foi depois que eu me separei que eu vim a conhecer o vibrador e estes aparelhinhos, nossa, este não reclama, está sempre de bem com a vida, você não deve nada para ele, você faz o que você quer, quando quer, na hora que quer e isto é tudo de bom!" (Sol, 62, Cia Athética).

"Tem óleos, tem o próprio órgão sexual masculino, que mais que eu gosto, às vezes eu loco umas fitas, eu acho que vai neste campo, algum pozinho afrodisíaco que eu não acredito muito nisto, mas eu acho que isso tá mais na cabeça da gente. Às vezes, eu levo a prótese, depende do parceiro, depende da brincadeira. Os parceiros da minha idade eu não gosto, não gosto de velho, que toma insulina e que me enche o saco por achar que eu sou muito moderninha. Então, geralmente,

me envolvo com homens mais novos. E se estes homens mais jovens curtem a brincadeira, a brincadeira vai longe" (Pagu, 67 anos, do mundo).

"No começo, eu não sabia como lidar com os meus desejos, o meu marido até tomou Viagra, mas dizia que era feito de farinha, mas aí ele caiu na real que o problema era com ele. Foi então que eu fui ao sex shop comprar um vibrador. O vibrador elétrico com controle remoto é o melhor, mas é mais caro, aí eu comprei um com pilha. Eu ponho camisinha nele, lubrifico ele. É uma maravilha. Me sinto realizada. O sexo é a melhor coisa que ficou para o ser humano. Eu uso de duas a três vezes. E meu marido sabe, as pessoas chegadas também. Só que tem que ter uma preparação, não pode ter ninguém em casa, senão não rola, fico preocupada de alguém entrar. E eu tenho que me masturbar primeiro, só quando dá aquele fogo eu uso o vibrador. É o meu modo de me sentir viva" (Iris, 62 anos, entrevista avulsa).

Para ela, a sexualidade é extremamente importante e ela disse que quer ir a outro *sex shop*, porque o que ela ia fechou, ver as novidades. Ela fala de sexo abertamente sem pudores, e salienta a importância dele em sua vida e na sua concepção do que seja ser mulher. Para ela, parte da feminilidade é indissociável do sexo.

Paz também foi uma senhora muito interessante de conversar sobre sexualidade. Diz ela:

"Eu era apaixonada pelo meu marido e ele por mim. Eu não quero ter outro homem na minha vida, mas não quero viver sem sexo porque eu gosto muito. Então uma amiga me disse eu tinha comprado um vibrador, no começo eu achei a ideia estranha, mas depois eu pensei 'porque não? Eu não estou traindo meu marido, apenas satisfazendo uma necessidade minha'. Então eu juntei um dinheiro, fui numa loja no Campo Limpo e comprei um. Menina, parece de verdade! Até veia tem! Menina, sexo é vida, eu me sinto viva, eu tenho orgasmos, como eu tinha com meu marido. Eu finjo que estou com ele, aí é mais forte, uso de duas a três vezes na semana" (Paz, 74 anos, entrevista avulsa).

Segundo Gregori (2010), "*Sex shops*" são locais de acesso comercial aos materiais eróticos, existem em boa parte dos centros urbanos contemporâneos. A grande maioria visa o público heterossexual, comercializando livros, vídeos, acessórios variados (vibradores, roupas

íntimas, óleos, bonecos infláveis, etc.), concernentes a um modelo de desejo que pressupõe o exercício de fantasias sexuais, violando – brincando ou transgredindo – todo um conjunto de práticas e símbolos relativos à experiência sexual socialmente não condenável (heterossexual e visando a reprodução). Parte-se da noção de que, em um comércio desta natureza, seja adequado encontrar materiais que acentuem – nas cores, nos formatos, nos objetos – certas violações ao instituído. Esse conjunto de elementos simbólicos é variável histórica, social e geograficamente. No entanto, Gregori afirma:

Contudo, encontramos no mercado pornográfico um universo restrito de signos, muitos dos quais convencionados em relação a um estilo particular. Melhor dizendo: o comércio de objetos e acessórios sexuais corresponde a um estilo formado por convenções que, ainda que possam sofrer variações, nada têm de muito criativas (GREGORI, 2010, p. 57).

A autora afirma:

Sem nenhuma exceção, tanto lojistas quanto vendedoras enfatizaram em suas entrevistas um aspecto que merece atenção: elas associam a atividade comercial a uma espécie de apoio psicológico e de ensinamentos diversos para que as mulheres conquistem maior prazer sexual o que, segundo elas, ajudaria a preservar seus relacionamentos amorosos (*idem, ibidem*, p. 115).

Em outra passagem, ela afirma:

A pornografia está perdendo sua conotação de obscenidade e adquirindo um sentido de saúde e de fortalecimento do eu. De fato, noto uma substituição de significados. O 'obsceno', caro às expressões eróticas que se desenham em materiais, desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção da prática sexual como técnica corporal ou, mais precisamente, ginástica que visa a autoestima individual. A minha hipótese é a de que foi a aproximação da sacanagem com o cuidado saudável do corpo e da mente que tornou possível a expansão de fronteiras, seja em cenários transnacionais, seja em direção das mulheres, consumidoras preferenciais e alvo predileto das engrenagens do mercado (*idem, ibidem*, p. 75).

Concordo inteiramente com Gregori, pois o cuidado do corpo é central para as minhas mulheres, por vários motivos: a aparência melhora, o que reforça a autoestima; a flexibilidade auxilia no ato sexual; as mulheres afirmam ter maior disposição para o sexo depois de se exercitarem. O fato de cuidarem de seus corpos seja pela saúde, seja pela estética, torna a dimensão corpórea do eu mais evidente e estimula estratégias para este corpo ser um corpo que goza, que se vê e se torna mais saudável por receber estímulos sexuais. Esta redescoberta do corpo, aliada a uma ideia de subversão – das rotinas da casa, da possibilidade de sair da sozinha, de ter projetos de vida e uma curiosidade sobre mundos não conhecidos – estimula a mulher mais velha a iniciar-se nos *sex shops* em busca da satisfação do *self*.

Novamente, Bozon nos auxilia nesta discussão. Diz ele que a transformação mais importante nas condições de exercício da sexualidade no decorrer da segunda metade do século XX é sem dúvida o alongamento da vida sexual, mais marcado para as mulheres do que para os homens.

Ele comenta que as mulheres da geração de 1992 iniciam a vida sexual em média três anos mais cedo do que para aquelas nascidas cinquenta anos antes e um ano mais cedo do que para aquelas nascidas vinte anos antes. A iniciação tardia desapareceu. Enquanto que nas gerações nascidas entre 1922 e 1941 era preciso esperar 23 anos para que três quartos das jovens tivessem uma experiência sexual, esse número não é maior que 19,5 anos para as nascidas entre 1956 e 1973. Há igualmente um estreitamento da variação de idade na iniciação: enquanto nas gerações mais velhas a iniciação se fazia num período de seis anos, ela se concentra hoje no intervalo de cerca de três anos. O deslizamento para idades menores permite que hoje o conjunto das mulheres tenha uma vida sexual pré-matrimonial, pré-conjugal, enquanto que nas décadas de 1950 e 1960 ela ainda era apanágio dos homens. Complementa Bozon:

Além disso, nas décadas de 1970 e 1980 a vida sexual também se modificou em suas fases mais tardias, prolongando-se por mais tempo depois dos 50 anos. Essa mudança vale para os indivíduos de ambos os sexos, mas de maneira mais notável para as mulheres. Assim, em 1970, apenas 50% das mulheres casadas de mais de 50 anos tinham tido uma relação sexual durante o ano, ao passo que esse é o caso para 80% das mulheres casadas (incluindo as coabitantes) da mesma idade em

1992. A menopausa, construção social e psicológica elaborada a partir de uma realidade biológica, deixou de sinalizar o fim da vida sexual, como o fazia ainda para boa parte das mulheres na década de 1960 (2004, p. 137).

Um aspecto importante, mas que não poderá ser trabalhado nos limites deste artigo é que os bailes potencializam a faceirice e também a sexualidade. Eles são fundamentais para entender como mulheres mais velhas lidam com o erotismo. Embora a maioria das mulheres frequentem bailes só de mulheres, continua válida a observação de Motta:

A impressão que me dá, nestas situações é de que elas 'crescem'. Há uma espécie de 'tensão corporal' – como se uma corrente elétrica passasse por suas colunas, 'esticando-as'. O relaxamento doméstico e próprio a situações menos ritualizadas desaparece. Além disto, o pescoço estica, 'espicha' e os saltos dos sapatos frequentemente aumentam. Mas elas não apenas 'crescem, mas rejuvenescem'. E isso não só pela postura mais altiva mas também pelo colorido das roupas e das maquiagens, pelos gestos, pela risada solta no ar e pelos requebros na dança (1998, p. 86).

Pagu não frequenta bailes da terceira idade que sejam compostos só por mulheres, pois ela gosta da paquera com homens e fala abertamente sobre o assunto:

"Eu frequento muito baile da terceira idade que hoje não é mais baile da terceira idade, eu frequento o Holmes, eu frequento o Independência, que é na Carlos Botelho, é uma casa que você tem que conhecer pra você que é antropóloga. Você vai ver que as mulheres acima dos 60 anos estão no mercado de trabalho, estão curtindo sua vida sexual, porque os hotéis próximos ficam lotados no final do baile, mulheres bem resolvidas".

Eu pergunto se este baile é um lugar de paquera e ela responde bem sincera:

"Não, é um lugar de caça mesmo, eu sempre brinco que paquera é pra molecada. Tem bares da terceira idade aqui na liberdade que você precisa conhecer também. Então eu acredito que a mulher não precisa estar nua para ser vista, pra mostrar

que ela está a fim de alguém, ela tem maneiras de se insinuar, com o olhar, com a maneira de andar, olhar novamente, porque tem coisas que a terceira idade já não pode fazer mais, mas aí você diz 'É preconceito', não é preconceito, eu não tenho varizes, então eu poderia usar uma saia curta, mas eu tenho um abdômen avantajado, como é que eu vou andar de saia curta, eu vou me expor ao ridículo, então, cada um, cada um, e eu não vou fazer sexo com a luz totalmente acesa porque seria uma cena bizarra. Então estes conceitos eu tenho dentro de mim e talvez por isso leve uma vida sexual saudável e ativa".

Eu pergunto se ela prefere os bailes mistos:

"Sem sombra de dúvida, aqui eu acho que é o encontro social delas, porque é muito restrito o campo delas, eu sempre falo para a lasmim, ela é mais jovem do que eu, mesmo que aos 16 anos ela tivesse mudado a mentalidade dela, ela não teria me alcançado, porque ela é muito restrita no comportamento, ela tem marido, ela tem filho que quando se separa vai morar com ela, o marido dela é uma pessoa que fala muito pouco, então eu não sei se o relacionamento consegue ser aberto, não é o meu caso. Ao contrário de outros filhos, o meu filho tem uma admiração muito grande por mim. A gente vai numa caçaçaria e ele fala "mãe, experimenta", eu experimento, pergunto de que ano é, então as pessoas que estão em volta já começam 'Pô André, sua mãe é legal pra caramba'. Ele é uma pessoa muito conhecida, é professor universitário na cidade de Santa Bárbara e agora é candidato a vereador na cidade, e ele fala pra mim 'Você não perde a linha, sua conduta é sempre a mesma', e eu não vou deixar de paquerar porque eu estou com meu filho. Eu não faria o contrário de forma nenhuma e quando ele vê alguém ele fala 'Olha lá o Vô', eu falo 'Pega o vô pra você, o vô deve ser diabético, não deve ter ereção, tá pensando que eu vou ficar o tempo todo ajoelhada', ele fala 'Mamãe, eu não quero saber como você faz sexo'; então eu falo 'Então não me mostra velho' [muitos risos]. Mas aí você fala porque, meu, você nunca vai ver um velho da minha idade falando abertamente como eu estou falando para você se não fosse pra conquistar uma moça de 21 anos. Então, os homens já ficaram para trás há muito tempo. Eu tenho até medo. Eu falo para o André 'Que loucura', por isso que homem não tira toalha do chão, não fecha pasta de dente, porque não consegue, e aí, depois que a mulher foi para o mercado de trabalho, piorou, e eu ainda sou uma privilegiada porque eu comecei a trabalhar com 14 anos e nunca parei, nem quando casada, quando eu tive o primeiro filho, o marido falou, 'Agora você vai parar de trabalhar', eu falei, 'Tá maluco, você acha que eu vou ficar submissa a

“você, me dá 10 reais pra eu comprar uma calcinha, mas não vou mesmo”. Então isso fez com que eu envelhecesse assim, eu me gosto, com a minha idade. Eu frequento um restaurante chamado Topo Gijo, é um lugar que você precisa conhecer porque todo mundo fala que é a ‘Henrique Sclaumam’ do Campo Limpo, com ótimos bares e tudo mais, eu vou para lá toda a sexta-feira, o dia em que eu quero tomar uma cerveja eu tomo, senão eu tomo uma Coca-Cola e fico batendo papo com todo mundo e lá são homens de 80 a 18, então na realidade, neste baile, aqui hoje, não é minha realidade nunca”.

Como fiz com as outras, pergunto sobre a sua preparação para o baile e ela diz:

“Ai tem, tem, aí tem que ir pra matar, até a cinta que incomoda um pouco a gente põe, mas tem, tem sim, e não só o externo, o interno, porque a sua adrenalina fica a mil. E tem que fazer o kit, porque você não sabe se você volta pra casa”.

Eu pergunto qual é o *kit* e ela responde:

“Preservativo, lenço umedecido, pomada, talvez, depende do ressecamento, se você parou um pouco a reposição hormonal, tudo isso, uma lingerie mais bonita, uma lingerie que combine com o seu corpo. Eu vou preparada, com certeza, ou pra matar ou para voltar [risos]! E se eu voltar, eu volto feliz, mas se eu encontrar alguém que eu quero, eu vou tentar, vou tentar mesmo porque ai eu vou ficar mais feliz ainda!”.

Pagu é uma mulher livre e libertária. Lida com sua sexualidade e percebe, um pouco na linha do que Giddens e Bozon afirmam, que a sexualidade é indissociável da identidade. Como ela mesma diz, se ela não puder falar livremente de sua sexualidade, estará negando uma parte essencial de sua vida. Assim como muitas das entrevistadas – Fortaleza, 65 anos, Cia Athética; Afrodite, 75 anos, AfroMix e Baile da Lua; Matadoura, 71 anos, Baile da Lua – prefere namorar homens mais novos e está tranquila com esta opção.

Segundo Bozon, atualmente, a expressão cada vez mais aberta da sexualidade na literatura, no cinema e nos meios de comunicação não pode mais ser interpretada como transgressão ou exibicionismo. Diz ele "À sua maneira, ela contribui para uma redefinição dos significados da sexualidade e dos cenários do desejo aos olhos de todos. A grande novidade é o fim da clandestinidade do erotismo" (*idem, ibidem*, p. 115).

O erotismo é um tema central na minha pesquisa, pois me interessava saber como mulheres mais velhas pensam a relação entre desejo sexual e maturidade, e posteriormente, compreender se a adesão à ginástica e à tratamentos estéticos faziam ou não alguma diferença na sensualidade e sexualidade destas mulheres⁶.

26

A pergunta que fiz era bastante aberta: o que é erotismo pra você?

Intui desde o início – e estava certa – de que seria uma questão difícil, pois mesmo na literatura, acadêmica ou não, as fronteiras entre o erótico e o pornográfico não são claras. Imagine para uma geração que cresceu acreditando no amor romântico, que como vimos, abrange o desejo, o ardor, mas também o sublima dentro dos ideais de constituição de uma família, de um roteiro de romance onde o amor, a compreensão, o projeto de vida conjunto contam mais do que a realização das pulsões eróticas. Além disto, como boa parte do universo pesquisado era composta de mulheres evangélicas e católicas, o tema seria controvertido de início.

Bozon (2004) afirma que,

Em todas as construções culturais da sexualidade, a prática lícita se distingue de uma prática ilícita ou transgressiva, cujas definições variam. No entanto, há uma constante na qual os limites entre o lícito e o ilícito não coincidem para os homens e para as mulheres (...). As formas de entrada das mulheres na sexualidade revelam certos aspectos fundamentais da construção tradicional da feminilidade, a qual implica fertilidade, pertença da mulher a um único homem (mesmo que um homem possa ter várias mulheres) e ausência de iniciativa em matéria sexual (*idem, ibidem*, p. 25, 28).

⁶ Neste artigo, nos concentraremos apenas no aspecto da sexualidade.

O autor também comenta que é impensável identificar um estado “natural” da sexualidade humana porque todas as nossas experiências sexuais são construídas como *scripts*, ou seja,

(...) foram ao mesmo tempo aprendidas, codificadas e inscritas na consciência, estruturadas e elaboradas como relatos. Elas decorrem de aprendizados sociais, que resultam menos da imposição de regras do que da impregnação através de múltiplos relatos que implicam uma sucessão de acontecimentos, e de uma interiorização dos modos de funcionamento das instituições (*idem, ibidem*, p. 130).

Percebi isso muito claramente nas minhas entrevistadas. Por questões religiosas, geracionais e familiares, muitas têm dificuldade de pensar em *scripts* sexuais que fujam do convencional, embora, obviamente, o significado da palavra “convencional”, ainda mais se tratando de sexualidade, é problemático. O que quero dizer com isso é que muitas dizem que não tem fantasias sexuais, nem gostam de filmes eróticos, no entanto, algumas apontam que as viagens, por ocasionarem uma quebra da rotina, favorecem o sexo, como fica claro na fala de algumas mulheres:

“Meu marido é... francês, então, francês é ligado em sexo, então ele gosta de fazer amor, de sexo, por ele, ele faria todo dia [risos], e ele é um marido apaixonado até hoje, sempre diz para mim que eu estou linda, que eu estou ótima... Nós gostamos de viajar, talvez porque nas viagens, você se desliga do dia a dia, da rotina, então você tem uma vida mais como no tempo de namorado... até sexualmente falando, aliás, principalmente, você não tem obrigações, o restaurante está ali, tudo pronto, a pessoa fica mais descontraída, mais entusiasmada sexualmente” (Miosóti, 69, Platinun).

Desta forma, a viagem para outra cidade, estado ou país seria uma “dupla viagem”, um momento de escapar do convencional e resgatar o romance e a sensualidade, como se elas tivessem voltado no tempo, na época da lua de mel, em geral, associada com as viagens.

Outro aspecto interessante, relacionado com a ginástica é o papel da dança do ventre no exercício da sexualidade e do erotismo:

"Erotismo é tudo que dê prazer. Nós temos banheira em casa, então ou eu ou ele preparamos um banho divino, com velas, essências e nós achamos muito erótico. Como eu já disse, produtos de sex shop ajudam muito a gente, esquentam o clima. E tem a dança, que definitivamente, faz uma diferença. Eu gosto muito de dançar para o meu marido toda vez que eu danço, a gente acaba fazendo amor..." (Mar, 69, Cia Athética).

Para Margarida, o erotismo está presente em sua vida, pois ela vive uma grande paixão, e disse-me que com o novo companheiro sente vontade de fazer coisas que nunca fez com o marido, é como se ela estivesse vivendo sua própria revolução sexual:

"Eu gosto de comprar lingerie nova, bonitinha, lingerie sexy, tudo isso eu gosto. De me produzir para ele, para ele! Gosto, gosto muito, tudo se for em nome do prazer, se é assim, eu gosto muito. Criar um clima!" (Margarida, 66, entrevista avulsa).

Outras mulheres salientam a importância do sexo e do erotismo na vida de pessoas da terceira idade:

"Ah, é, com certeza minha filha!!! [enfática]. Antigamente não né, falavam que com 50 anos... mas hoje, principalmente a mulher, hoje em dia, pra te falar a verdade eu sou melhor sexualmente do que quando eu tinha 25 anos. Porque com certa idade, se você estiver mais amadurecida, você sabe mais, por incrível que pareça, eu sempre fui muito tímida, com a ginástica, então esta coisa de luz acesa, eu não gostava, eu tinha vergonha sabe, mas hoje em dia, eu me solto mais." (Estrela, 65, Cia Athética).

"Olha, outro dia eu fui ao meu ginecologista fazer os exames de praxe, estava saindo de lá um casalsinho, e o meu médico me contou, 'tá vendo este casal que chegou agora? Ela chegou aqui reclamando que estava com sangramento durante o ato sexual, aí eu pensei, bom com a idade deles, deve ser algo externo, vamos examinar', quando ele foi examinar, viu que era um ferimento muito profundo, então ele perguntou para ela 'a senhora tem uma vida sexual muito ativa?' e ela falou 'tenho' e ele perguntou 'quanto' ela disse 'duas vezes por semana, no mínimo' 'e porque que está tão profundo, o que vocês fazem?' , ela respondeu 'meu marido toma os remédios dele, nem toma Viagra, que é muito antigo, toma remédios melhores', então, eles se divertiam muito, com 80 e 85 anos..." (Fortaleza, 64, cia Athética).

"A gente tá com 66 anos, mas ainda faz alguma coisa... As mulheres da minha idade deviam fazer mais coisa, né? Não é porque ficou velha que vai parar. Eu acho que hoje mudou um pouco sim, porque as mulheres de antigamente eram mais envergonhada, né?" (Perséfone, 66, Cleusa).

Talvez um caso à parte seja o de Afrodite, que me disse que sempre foi uma pessoa divertida e brincalhona, inclusive quanto à sexualidade. Além de ter um namorado doze anos mais jovem, ela diz flertar com o professor de ginástica do AfroMix, e também com homens mais moços que conhece organizando viagens, mas segundo ela, tudo na brincadeira.

"Ah, hoje eu tô sem nada, tô bem simples... [ela estava maquiada, de batom vermelho, com tiara de oncinha, blusa com peles, calça e bolsa combinando, sapato de saltinho] hoje eu tô dona de casa! Interfere sim, porque eu faço passeios, assim para pesqueiro, hotel fazenda, e os mocinhos... Eu começo a brincar, e os monitores ficam doidos quando sabem que sou eu que tá indo, eles me dão selinho! O meu namorado nem sabe, ele sabe que eu faço os passeios, mas não sabe que eu sou assanhada"! (Afrodite, 75, AfroMix).

Ela afirmou diversas vezes na entrevista, e depois em conversas informais, que seu jeito de ser por vezes escandaliza as amigas, mas que ela se sente bem assim e que esta forma de levar a vida, sempre arrumada, maquiada e brincando com a sexualidade é o que a faz sentir-se jovem e viva.

Segundo Bozon (2004), o prolongamento da vida sexual até idades mais avançadas corresponde a uma mudança marcante das últimas décadas do século XX e está ligada aos seguintes fatores: à ampliação da expectativa de vida em boa saúde; à melhoria da condição social das pessoas idosas; à difusão do ideal de juventude; à possibilidade de os mais velhos aproveitarem tanto a sociabilidade quanto os lazeres autônomos, não se limitando mais a frequentar a própria família. Diz ele: "Essa autonomia maior da terceira idade provocou o recuo dos preconceitos tradicionais contra a sexualidade na velhice" (*idem, ibidem*, p. 75).

De fato, assistimos um momento da história em que por um lado, a sexualidade dos idosos ainda é tabu entre eles e negligenciada na área das ciências sociais, mas que por outro lado

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

é incentivada por geriatras, gerontólogos, psicólogos. Parece-me que estamos entre dois estereótipos: de um lado, de acordo com o estereótipo dominante na cultura brasileira parece que a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser “mulher” para ser apenas “velha” (um ser neutro). Em geral, afirma Motta (1998), não nos referimos a uma mulher idosa genericamente como uma “mulher”, mas como uma “velha”. A norma atribui uma imagem positiva e séria às vovozinhas tipo “Dona Benta” e não às namoradeiras, assim, a mulher na velhice é cada vez mais associada à esfera doméstica, familiar, religiosa ou filantrópica. No outro polo estão os médicos e intelectuais da classe média que apontam o sexo na velhice como normal e mais, essencial para o bem estar e saúde dos idosos.

Caberia pensar em que medida essa “descoberta da sexualidade” dos idosos não implicaria na constituição de uma rede de poder sobre os idosos, que como comenta Debert (2009) cria a imagem de um idoso ideal, e mais, de um idoso responsável por seu envelhecimento positivo, implicando numa reprivatização da velhice.

O ponto que eu quero marcar aqui é que devemos ter cuidado, pois pode estar acontecendo com o sexo na terceira idade o mesmo que aconteceu com a “cultura da malhação e das dietas”. De fato, houve um processo de culto ao corpo na sociedade brasileira que se iniciou por volta de 1990 e que descrevo em detalhes na minha tese de doutorado e em vários artigos. “Malhar”, “Ser magra e definida”, “Ser bela” começou como um direito e se tornou um dever, praticamente uma ética entre as mulheres, principalmente entre aquelas de classe média alta, como as que pesquisei na academia de ginástica “Cia Athética”. Não compartilhar desta cultura era ser excluída, e não falar de dietas, exercícios, plásticas era não ter assunto, era estar alienada. Cuidar do corpo trouxe sem dúvidas benefícios, mas também gerou uma cultura do corpo alienante e perigosa, que aumentou o índice de distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia⁷.

Não quero com isso negar a existência da sexualidade na terceira idade e nem dizer que as mulheres fingem estar felizes com isso, quero apenas mostrar a força que certos discursos têm, e como estes produzem normatividades.

⁷ (Ver BERGER 2006; 2008a; 2008b; 2010).

Em um artigo intitulado *A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis* (2009), Russo procura discutir dois fenômenos concomitantes: “de um lado, a politização das sexualidades não convencionais e, de outro, a intensa medicalização da sexualidade heterossexual convencional” (RUSSO, 2009, p. 63).

A autora comenta que é possível falar em primeira e segunda onda da sexologia e que foi a segunda onda que motivou o ressurgimento da sexologia como *scientia sexualis* na primeira metade dos anos 1970, bem como do surgimento de um importante documento, produzido por um grupo ligado à Organização Mundial da Saúde, onde aparece pela primeira vez a definição de saúde sexual:

Sexual health is the integration of somatic, emotional, intellectual, and social aspects of sexual being, in ways that are positively enriching and that enhance personality, communication, and love. Fundamental to this concept are the right to sexual information and right to pleasure. (...) Thus the notion of sexual health implies a positive approach to human sexuality, and the purpose of sexual health care should be *the enhancement of life and personal relationships and not merely counseling and care related to procreation or sexuality disease* (WHO, 1975, *apud* RUSSO, 2009, p. 41, grifos do autor).

Como podemos perceber, a ênfase recai sobre uma abordagem positiva da sexualidade humana que priorize o prazer e melhore a personalidade, a comunicação e o amor. O que está implícito nesta definição é que a sexualidade e sua prática são fundamentais para o bem estar e felicidade do indivíduo, fazendo parte de seus direitos fundamentais. Segundo Russo, este manual “alargou e pavimentou o caminho para a construção médico-psicológica da performance sexual como ideal de saúde e bem-estar” (RUSSO, 2009, p. 70).

Na sequência dos acontecimentos um redimensionamento do campo sexológico vai ocorrer com o lançamento, em 1998, do citrato de sildefanil – comercializado como Viagra e que inaugurou a “terceira onda” sexológica, marcada pela medicamentação da sexualidade. O medicamento passou a ser utilizado tanto em casos de disfunção erétil, quanto por homens que queriam apenas dar um “upgrade” na sua performance sexual, o que levou a autora a

considerar que o Viagra foi transformado numa “*life stile drug*” – uma droga do estilo de vida.

As conclusões da autora são que “‘a terceira sexologia’ levou ao extremo a ideia de maximização da performance e do prazer. Do direito de exercer a própria sexualidade, passa-se à obrigação da manutenção da atividade sexual plena” (*idem, ibidem*, p. 74).

Outro artigo interessante para pensarmos se a sexualidade entre idosos tornou-se um direito ou um dever é o de Mauro Brigueiro, “La gerontología como un saber sobre la sexualidad y las nuevas configuraciones del cursode vida sexual” (2006).

Ele analisa o campo da gerontologia e mostra como ele tem se constituído como novo campo de saber sobre a sexualidade que cria normatividades específicas. Ele afirma que nunca se produziu tantos discursos sobre o sexo na terceira idade. Diz ele: “La premisa aquí es que los discursos de los especialistas han desarrollado socialmente una nueva sensibilidad alrededor de la vejez y del ejercicio sexual, estableciendo y consolidando las bases para el control y normalización de la sexualidad y dela experiencia de envejecimiento” (BRIGUEIRO, 2006, p. 64).

Através da revisão da bibliografia dos gerontólogos sobre sexualidade, no Brasil, na Europa e nos EUA, Brigueiro percebe um discurso que pressupõe um controle sobre o corpo:

Dicha revisión bibliográfica permite identificar a la gerontología como uno más de los saberes de la sexualidad, que como otros, persigue un proyecto de modernidad y un ejercicio de poder sobre los cuerpos. Sin embargo, es necesario considerar que su trascendencia y especificidad están condicionadas a la existencia de un ideário de modernidad del contexto social en cuestión y a la permeabilidad a esos nuevos dictámenes por la cultura sexual local (*idem, ibidem*, p. 64-5).

Ou seja, a gerontologia, por gozar atualmente de um grande reconhecimento social, aparece como uma instância legítima para emitir juízos de verdade sobre o processo de envelhecimento, sobre o que é mais ou menos adequado neste período da vida, abarcando organismos governamentais, agências internacionais, profissionais de diferentes áreas e inclusive, a própria população de idosos, que podem pautar seu comportamento levando em

conta tais discursos. E além de teorizar sobre o envelhecimento em geral, emite juízos de verdade sobre a sexualidade, que orienta médicos, manuais de autoajuda e que tem alcance no senso comum.

Ao analisar e delimitar o campo gerontológico, Brigueiro percebe neste material uma forte referência à sexologia. Diz ele:

Siguiendo una intención primaria de intervención sobre lo sexual, la gerontología propaga la idea sexológica del orgasmo como un deber y un indicador de la salud sexual. Las descripciones y discusiones se basan em una nosografía propia, una etiología de problemas que impiden la experiencia sexual satisfactoria en la vejez (las disfunciones sexuales) y una serie de procedimientos terapéuticos para restablecerlos. En el caso de las personas mayores, la meta, casi siempre, es la de “ampliar al máximo” y “optimizar” el placer y el ejercicio sexual (idem, ibidem, p. 68).

33

Analisando a bibliografia, Brigueiro diz que a premissa generalizada no conjunto da literatura examinada é que a sexualidade dos idosos é marcada pelo “mito da velhice assexuada”, e o que a gerontologia tenta combater é justamente a ideia de que a sexualidade se extingue com o envelhecimento. Assim, os trabalhos se estruturam a partir deste mito e os autores são unânimes em afirmar que a atividade sexual não se extingue com o passar dos anos, ainda que diminua em frequência. Brigueiro diz que também se observa na literatura analisada,

La fuerte concepción de plasticidad corporal presente en el tratamiento dado a la sexualidad y a los cambios físicos asociados a la vejez. De forma más o menos explícita, se encuentra una filosofía individualista según la cual la subjetividad, el cuerpo y la vida sexual son dimensiones pasibles de ser remodeladas y ajustadas por todos aquellos que así lo quieran (*idem, ibidem, p. 72*).

A literatura consultada por ele também conclui que o universo possui menos dificuldade em sua vida sexual, pois a sua sexualidade sempre esteve restringida a partes do corpo:

De acuerdo con los estudios, la actividad sexual femenina depende mucho de la intención masculina: la disminución de la actividad sexual en las mujeres se asocia con la ocurrencia de enfermedades en sus esposos, la indiferencia de éstos y a la alta mortalidad masculina. Los datos sostienen que ellas, además de mostrarse menos interesadas por el sexo, sufrieron una socialización enmarcada en un control más grande, obstáculo para que ejercieran su sexualidad en la vejez (*idem, ibidem*, p. 74).

De todo modo, a sexualidade frequentemente é retratada como uma dimensão importante no bem estar dos idosos como fonte especial de satisfação e bem-estar. Pressupõe-se que quanto mais os indivíduos foram ativos sexualmente durante toda a vida, mais o são na terceira idade. De todo modo, Brigueiro afirma que “Aunque los trabajos gerontológicos han incluido gradualmente y aspectos de carácter socio-cultural, siguen fuertemente apoyados en una dimensión física o psíquica de la sexualidad, adoptando una perspectiva tradicionalmente estricta y esencialista, defendiendo una intención de universalizar el fenómeno” (2006, p. 62).

La argumentación de la existencia de la sexualidad en la vejez aparece como una confirmación científica para las premisas de la gerontología y la sexología y respalda la actitud intervencionista sobre lo sexual, puesto que se cree haber descubierto nuevos parámetros de evaluación de la normalidad sexual. Es exactamente a partir de esos objetivos de intervención donde encontramos un punto de conexión entre producción gerontológica y sexológica (BRIGUEIRO, 2006, p. 76).

A gerontologia, ao assumir o compromisso de promover mudanças no curso da vida de pessoas idosas forma uma aliança com a sexologia, disciplina esta que intervém sobre o sexual. Desta maneira, tanto a gerontologia quanto a sexologia pressupõem a universalidade da atividade sexual na velhice. Brigueiro comenta que estudos quantitativos sobre sexualidade mostram uma correlação entre a atividade sexual e a satisfação da vida em pessoas idosas. Alguns autores (Marsiglio e Donnelly, 1991; Delbès e Gaymu, 1997; Matthias *et al*, 1997; Beijin, 1997) chegam a tomar como ponto de partida a ideia de que a expressão da sexualidade é uma das partes mais satisfatórias na velhice.

O autor comenta os trabalhos de Debert (1999), que em sua análise da bibliografia dedicada à experiência do envelhecimento, destacam-se duas teorias: a da atividade e da desvinculação. A primeira enfatiza que as pessoas mais velhas encontram seu bem estar através da participação em atividades que compensariam o estigma de “inativas”. A segunda propõe um distanciamento voluntário, com o passar dos anos, de atividades rotineiras, por causa das limitações físicas e sociais advindas do envelhecimento. Em ambas as teorias a velhice é vista como perda de uma série de faculdade e possibilidades. Embora o discurso hoje tenha mudado, ele ainda influencia o debate dos gerontólogos, em especial, dos que se dedicam ao tema da sexualidade. A quase totalidade dos trabalhos enfatiza o primeiro viés, num esforço de demonstrar a possibilidade e os benefícios da manutenção da sexualidade numa idade mais avançada.

De todo modo, o que Brigueiro quer mostrar é que a gerontologia, aliada a sexualidade, produz um discurso normativo que relaciona “velhice saudável com sexualidade ativa”; ou seu oposto “velhice como um momento de perdas inclusive sexuais”.

O ponto nevrálgico é que o mesmo fenômeno, chamado por Debert de “reprivatização da velhice” ocorre com a sexualidade: a população idosa tem que refletir (lembramos aqui das ideias de Giddens sobre o projeto reflexivo do eu) e readequar suas crenças e depois suas posturas frente ao sexo. As pessoas são incitadas a ter uma responsabilidade individual por um bom ou mau envelhecimento, por uma responsabilidade ou irresponsabilidade no trato de si mesma. Brigueiro finaliza:

A través de estos discursos opera un nuevo esquema del curso de la vida sexual. Según nos hacen ver los especialistas, no hay motivos para creer que la carrera sexual de un individuo encuentre su fin en la vejez. La nueva propuesta es que la sexualidad sea factible durante toda la vida. Coinciden ahí el curso de la vida y el curso de la vida sexual, que solo terminan con la muerte. Esta nueva configuración presenta importantes repercusiones en la idea de normalidad y anormalidad del curso de la vida sexual. Se asiste paulatinamente a la construcción de un nuevo imperativo acerca de la sexualidad: que debe mantenerse activa y que no encuentra límites con el avance de la edad. En este sentido, la inversión gerontológica sobre la sexualidad representa una paradoja. Tradicionalmente, este campo se caracteriza por su labor en contra del estigma asociado a la experiencia de la vejez. Por medio de la legitimidad de los nuevos parámetros de la vida sexual,

son establecidos también nuevos criterios de anormalidad cuando no se cumple con dichas expectativas, y lo que antiguamente podría tener un significado negativo, pero esperado según la edad, hoy pasa a representar un signo de descuido. No vivir uma sexualidad plena en la vejez es un problema, una disfunción. La solución es la búsqueda de un especialista habilitado para reinstaurarla o liberarla de la represión (*idem, ibidem*, p. 84).

Devemos ter cuidado e levar em conta o célebre ditado: “não jogar o bebê com a água do banho”. Meus interesses eram perceber como a sexualidade se colocava para mulheres mais velhas, justamente pela falta de trabalhos brasileiros sobre esta temática na área de antropologia. Descobri que a sexualidade estava muito mais presente do que eu imaginava. Não pretendo, portanto, ainda mais em função dos dados empíricos, questionar a existência de vida sexual saudável e desejável na terceira idade. Mas desejável diz tudo: desejo de ter sexo é muito diferente da obrigação de fazê-lo, que vem no bojo dos discursos normativos.

Ainda que parte das mulheres tenham incorporado os discursos normativos sobre sexualidade, o que importa para mim é o quão satisfeitas com isso elas estão. Todos nós, sem exceção, incorporamos discursos normativos e os naturalizamos, e fazemos isto em vários momentos da vida, pois de um modo ou de outro, apesar de termos agência para escolher entre os discursos, não temos, por uma questão de sociabilidade, a opção de não escolher nenhum discurso.

Estes discursos sobre sexualidade, poder, alimentação, estilo de vida, beleza vão se tornando “nossas” representações, e é atrás das representações de minhas mulheres sobre sua sexualidade que eu construo este meu percurso. Finalizando, há beleza na terceira idade. Ser bela na terceira idade é aceitar que o envelhecimento faz parte da vida, mas é apenas um pano de fundo sobre o qual se vive a vida com alegria. É cultivar ao mesmo tempo uma profunda alegria em estar viva e uma serenidade para aceitar as transformações. Ser bela na terceira idade é poder fazer amor e sexo, é descobrir *sex shops* depois dos sessenta anos, é ter orgasmos, é ter um namorado, um amante ou um marido e manter a chama acesa. Ser bela na terceira idade é também estar casada, mas poder optar por não ter mais sexo, sem deixar, no entanto de ter sexualidade. Ser bela na terceira idade é aceitar a viuvez e o fim da

atividade sexual sem que o mundo desabe por isso, pois é possível encontrar prazer de outras formas, através de outras lentes. Ser bela na terceira idade é **querer** fazer amor e sexo e não apenas ser compelida a fazê-lo porque a mídia ou quem quer que seja tenha definido que isto é o ingrediente fundamental de uma boa velhice. Ser bela na terceira idade é procurar os ingredientes de suas próprias receitas de envelhecimento saudável. As minhas queridas mulheres têm mais iniciativa do que os homens em frequentar *sex shops*; demonstram que a vida sexual pode ser saudável e prazerosa na terceira idade; que as mulheres, mais do que os homens, continuam a ter projetos de vida – estudar idiomas, inclusive libras, frequentar universidades –; ir a bailes; procurar outras formas de sociabilidade, sejam as viagens, seja a atividade física, etc.; permitir-se novas experiências sexuais – inclusive, relações homoeróticas; querem descortinar o mundo e viver plenamente uma fase de suas vidas que longe de indicar decadência, indica mais a vontade de lançar-se no mundo e de estarem na vanguarda, como eu afirmei no item sobre *sex shops*, vivendo suas pequenas e grandes revoluções, seja no sexo, seja na busca de momentos de prazer, seja nas atividades novas em que se empenham. Minhas mulheres são passarinhas que não viveram a revolução sexual dos anos 1960, mas que a estão vivendo agora, estão voando para longe dos ninhos seguras de si, e nas palavras de Afrodite “*Olha Mirela, eu tô vivendo, muito*”. Acho que todas estão. E é a elas que eu dedico este artigo.

Referências

- ALVES, Andréia Moraes. *A dama e o cavalheiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BERGER, Mirela. *Corpo e identidade feminina*. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, FFLCH/USP, 2006.
- _____. *As chaves do templo*. Revista eletrônica Ponto Urbe, São Paulo, n. 2, 2008a.
- _____. *O Corpo Massacrado: os distúrbios alimentares*. Ciência & Saúde Coletiva, v.5, vol. 23, 2008b.
- _____. *Felicidade é entrar num vestido P: o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea*. Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 69-90, 2010.
- BOZON, Michael. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRIGUEIRO, Mauro. *La gerontología como un saber sobre la sexualidad y las nuevas configuraciones del curso de vida sexual*. In: VIVEROS VIGOYA, Mara. Saberes, culturas y derechos sexuales en Colombia. Bogotá: Tecer Mundo Editores, 2006. p. 63-86.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____. *Velhice, violência e sexualidade*. Projeto Temático, São Paulo: FAPESP, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990. (acrescentar Foucault – A historia da sexualidade, volume 3, 1999)
- GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos*. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de livre-docência, IFCH, UNICAMP, 2010.
- LINS de BARROS, Myriam. *Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice*. In: LINS de BARROS, Myriam (org.). *Velhice ou terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.
- RUSSO, Jane. *A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis*. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (org.). *Gerações, família, sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2009.